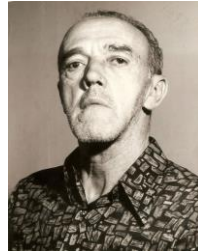


SÃO MIGUEL DO CAJURU

A histórica recuperação de um topônimo setecentista!

José Antônio de Ávila Sacramento



Em memória do meu pai, **José Colombo de Ávila**, nascido em 04 de abril do ano de 1913 na primitiva Fazenda do Engenho de São Miguel do Cajuru.

Em 1943, “sábios de plantão” resolveram eliminar da nossa região a expressão religiosa e cultural **São Miguel do Cajuru**. A denominação já era conhecida pelo menos desde o ano de 1719 quando o rixento Vigário da Vara dos Feitos Eclesiásticos da Comarca do Rio das Mortes, Pe. Manoel Cabral Camelo, aquartelou-se na Fazenda do Engenho de São Miguel à espera de ações da Justiça Eclesiástica ou Civil, devido as graves censuras que ele dirigiu ao Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes; a antiga fazenda, situada na beirada de um dos brejos próximos da atual sede distrital pode ter dado origem ao arraial, conforme registrou Sebastião de Oliveira Cintra no seu livro Efemérides de São João del-Rei.

Para os cristãos, especialmente nós católicos, a troca do nome de São Miguel do Cajuru para Arcângelo foi um desprezo à doutrina bíblica sobre os anjos, sobretudo porque **São Miguel** é um dos grandes anjos, saudado como Príncipe da Milícia Celeste, que, por sua ação, foi colocado acima de outros anjos, guias, e foi chamado por Deus ao seu serviço e à sua glória, como (arc)anjo dotado de posição superior às ordens, potestades e legiões. O nome do arcanjo é um legado religioso importante, principalmente para aquela localidade que o adotou como padroeiro. Então, “Arcângelo” no lugar da mais que bicentenária grafia **São Miguel do Cajuru** foi um empobrecimento, um curvar-se à impostura dos ateus e materialistas que nos agrediram e humilharam com a troca do topônimo.

Ao nome de **São Miguel**, derivado da devoção migueliana, somou-se o **Cajuru**, palavra que na língua Tupi tem o significado de *boca-do-mato* (*Caá + yuru*), ou seja, é as alturas em que vindo do sul, o Caminho Velho atingia os campos limpos, restando fechada à retaguarda a “boca-do-mato”, formando-se assim o topônimo **São Miguel do Cajuru**, demonstração inegável do vasto legado do Tupi no léxico do português brasileiro, herança indígena que ratificou a influência do ambiente físico na identificação do lugar e confirmou a relação entre língua e natureza no léxico onomástico-toponímico.

O topônimo São Miguel do Cajuru foi suprimido através de decreto do então interventor federal nomeado por Getúlio Vargas para Minas Gerais, Benedito Valadares; a mudança ocorreu unilateralmente, sem consulta à população, em 31 de dezembro de 1943, conforme registrou Sebastião de Oliveira Cintra “1943 – Decreto Lei Estadual nº 1058 altera os nomes dos seguintes distritos do Município de São João del-Rei: S. Miguel do Cajuru, Onça, Nazaré e Conceição da Barra, que passaram a ter, respectivamente, as

denominações de **Arcângelo**, **Emboabas**, **Nazareno** e **Cassiterita**. Já se emanciparam os dois últimos.”. Por que Arcângelo?

Meu tio materno José de Alencar Ávila Carvalho sucintamente descreveu a ideologia vigente à época em que o nome de São Miguel do Cajuru foi suprimido: “houve uma época, na ditadura getuliana, em que a autonomia do Estado e a do Município deviam ser reduzidas; queimaram os símbolos dos Estados em fogueira, bem nazista, no Rio de Janeiro. A partir de 10.XI.1938 o país viveu sem nenhuma constituição política: era o regime do caudilho gaúcho, nutrido de doutrina positivista de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, doutrina materialista, em suma, a qual se somou à do fascismo italiano até as idéias racistas alemãs, para tanto estabelecendo-se os desfiles escolares no Dia da Raça, com a presença do ditador no campo do Vasco da Gama. Esse nazifascismo tupiniquim, do Gustavo Capanema, Francisco Campos, Oliveira Vianna e outros só veio a cair de podre quando a gloriosa FEB voltou da luta nas montanhas italianas em 1945, deixando em Pistóia quase quinhentos companheiros enterrados! Desse ambiente mental de concepções políticas francamente pró-nazistas é expressão um discurso de Vargas a bordo do encouraçado Minas Gerais: ‘as democracias estão inapelavelmente mortas!’. Na Argentina as coisas não eram diversas e o grande vizinho até hoje é esconderijo de criminosos de guerra. É uma tradição de autoritarismo herdada da península ibérica. Em nossa triste América Latina a democracia, o humanismo, de que tanto falou e escreveu Jacques Maritain, é um cansativo e quase inútil aprendizado.”.

As motivações getulianas e/ou valadaristas nas substituições toponímicas, podem ser explicadas como os ensinamentos de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, professora e linguista brasileira que é a maior autoridade estudos toponímicos no Brasil: os topônimos são também veículos de ideologias, e quando o ato de nomear deixa de contemplar a configuração geográfica ou o evento histórico, por si só motivadores da denominação, passa a revelar o intuito de quem nomeia. Segundo Dick, “o topônimo é um pequeno texto, é um pequeno discurso, depositário de toda uma situação de fala e das complexas relações que a sustentam, e depositário também do momento histórico, e do pensamento que configura esse momento histórico e/ou é por ele configurado. E esse pequeno discurso, diferente dos demais porque pode durar séculos ou milênios, ao mesmo tempo preserva e revela, ou apenas desvela, as ideologias que o engendraram ou que por ele perpassam.”.

As palavras carregam em si significados, percepções e sentimentos de pertencimento aos lugares históricos que elas descrevem, e, legalmente, é de competência dos municípios promover a proteção do patrimônio histórico-cultural porque é preceito constitucional, assim como a reparação e a retificação de equívocos havidos nesta seara é também dever público constitutivo da ação administrativa municipal. Assim, eu encaminhei ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, na competência e respeitabilidade de seu presidente dr. Luiz Dangelo Pugliese, um pedido para que fosse estudada a recuperação da denominação tradicional do distrito; a solicitação, depois ser relatada e apreciada pelos seus membros, foi exitosa. Assim, após serem produzidas outras fundamentações históricas e um volumoso abaixo-assinado dos moradores do distrito do qual se pretendia recuperar o nome original, a matéria foi oficialmente protocolizada na Câmara de Vereadores, bem articulada com os edis, e, por fim, o projeto foi votado, aprovado e sancionado, transformando-se em 27 de junho de 2000 na Lei Municipal número 3.526, que a partir daquela data determinou que “*passasse a denominar-se Distrito de São Miguel do Cajuru o atual Distrito de Arcângelo.*”.

O processo atendeu ao princípio constitucional da proteção dos bens de valores históricos e culturais, recuperou a grafia correta da linguagem ante a tradição que todos cidadãos devem respeitar; seguimos os bons exemplos das recuperações havidas com os nomes de Conceição da Barra de Minas (ex-Cassiterita) e do distrito são-joanense de São Gonçalo do Amarante (ex-Caburu), se bem que o topônimo deste último foi recuperado parcialmente e deveria ter sido recuperado para São Gonçalo do Brumado.

Eu creio que a filosofia existencial de hoje é a filosofia da cultura, dos valores, dos bens criados pela civilização, quer sejam eles materiais, imateriais ou espirituais, é uma corrente que explora os valores da existência humana centrados na experiência do indivíduo que, enquanto existe, pensa, sente e age com os reflexos conscientes ou inconscientes da memória social; tais bens são aquisições portadoras de profundo sentido vital e racional, capazes de constituir um bom rumo para as pessoas, para as gerações e os diversos povos: é a racionalidade da cultura!

A recuperação do antigo nome do Distrito de São Miguel do Cajuru foi uma ação formidável e exitosamente exemplar porque prestigiou nossas raízes religiosas e culturais e nos deu a ligeira impressão de que mudanças estruturais, ainda que tímidas, podem começar a ocorrer na terra são-joanense e desfazer aquela impressão de que somos um povo que parece não dar a devida importância à memória. Então, doravante, diante do exposto, quando nos referirmos àquela localidade, não devemos mais nomeá-la “Arcângelo” e sim **SÃO MIGUEL DO CAJURU!**



Imagem de São Miguel - Igreja do Distrito de São Miguel do Cajuru, Município de São João del-Rei - MG.



Fazenda do Engenho de São Miguel (do Cajuru) - Reprodução de desenho de José de Alencar Ávila Carvalho (1925 - 2000)



Sede do Distrito de São Miguel do Cajuru - Município de São João del-Rei/MG. Foto: Ana Maria de Ávila, década de 1970.